

Prólogo

Ballycashel, Irlanda, 1850

Seu pior inimigo era sua última esperança.

Siobhán Desmond parou diante da pesada porta de madeira, tremendo enquanto o vento frio e úmido de outono apunhalava seu manto esfarrapado. Encolhendo os ombros, ela levantou a mão e puxou a maçaneta em formato de cabeça de dragão.

Você não tem escolha, lembrou a si mesma quando a porta se abriu com um rangido lúgubre, como o gemido de uma *banshee*.

— Sim?

Mordendo o lábio na tentativa de esconder o tremor, Siobhán encarou o homenzarrão de rosto escarpado e gélidos olhos azuis. Um calafrio percorreu sua espinha enquanto ela se forçava a não recuar.

Lorde Percival Glenleigh. O homem que ela mais odiava no mundo.

— Você é uma das minhas inquilinas?

Ele não a conhecia, tampouco seus pais e os pais deles, todos inquilinos da família do nobre. No entanto, não havia uma centelha de reconhecimento que abrandasse o olhar glacial.

— Sim, milorde. Meu nome é Siobhán Desmond, senhor.

— Desmond? Não me lembro desse nome. Mas não importa. Não se pode manter o controle de todos os inquilinos. Bem, vamos em frente, Shi... vaun. O que você quer?

Siobhán engoliu a onda de ódio borbulhante que tomou forma em seu íntimo.

Lembre-se de Ashleen.

Ela faria qualquer coisa, até mesmo mendigar migalhas daquele homem repulsivo, se isso significasse a sobrevivência de sua filha.

— Eu... estou procurando trabalho, senhor — murmurou com a cabeça baixa e voz quase inaudível. — Estou desesperada. O pouco dinheiro que me resta mal dá para manter meu corpo e minha alma unidos. Tenho prática com cozinha e limpeza, e faço rendas muito bonitas. Tentei a entrada dos criados antes, mas ninguém atendeu à porta. Por favor, senhor, eu farei qualquer coisa...

Ah, Deus, como ela odiava aquele tom de súplica!

Oh, Michael... Ashleen... Perdoem-me!

— Entendo. Como é mesmo seu nome? Shi... Vaun?

Siobhán assentiu, enquanto Glenleigh a levava para a sala de visitas. O interior da casa estava abençoadamente aquecido, com a lareira crepitando acolhedoramente e os tapetes grossos amenizando a dor dos pés nus cheios de bolhas. Ela ansiava por se atirar numa daquelas almofadas fofas de brocado que enfeitavam os sofás e dormir até esgotar o cansaço que assolava sua alma. Por um segundo, imaginou como seria puxar uma das mantas pesadas sobre os ombros e se aninhar num casulo de calor e paz...

— Então, você está procurando trabalho, não é?

— S-sim, senhor. — A voz grave a trouxe para a realidade. — Eu farei qualquer coisa, milorde. Posso cozinhar, limpar e arrumar os quartos. Apenas me dê uma chance...

Ao perceber que ele a fitava, um arrepio brotou em seus braços e percorreu a pele até o pescoço como milhares de aranhas venenosas. Um sorriso lúbrico curvou os lábios repulsivos, enquanto o olhar de cobiça viajava do rosto ao corpo lamentavelmente subnutrido de Siobhán, mal-escondido sob o manto de lã puída.

Seus olhos são incrivelmente verdes, querida, Michael lhe dissera com seus próprios olhos azuis transbordando amor. *Causariam inveja aos de Erin, que são verdes como a grama.*

Ela forçou a mente a voltar ao presente, enquanto ouvia a voz arrogante de Glenleigh.

— Está limpa, senhorita?

— Eu... limpa? — Por um momento, Siobhán não conseguiu compreender as palavras, até que todo o seu orgulho irlandês despertou. — Sim, eu estou limpa, milorde. Não temos muito mais do que um pedaço de sabão em casa, mas... — Ela se calou quando o real significado das palavras a atingiram.

Como aquele velho demônio ousava?!... Toda a dor e angústia que ela e sua família haviam sofrido se renovaram. A fome, os pequeninos morrendo, as execuções...

E aquele homem realmente pensava que estava disposta a vender-se? Para *ele*? E para quê? Por uma côdea embolorada de pão? Um saco de farinha? Um banquete servido à mesa do inimigo?

Não!, sua mente gritou. Ela não podia se rebaixar a tal ponto. Não importava o quê, encontraria alguma outra maneira de mantê-los vivos.

Obrigando-se a se controlar, ela balançou a cabeça, e os longos cabelos ainda úmidos do banho ondularam sobre os ombros. Retraiu-se quando lord Percival estendeu as aristocráticas mãos brancas e macias e puxou seu manto.

— Não seja tímida, minha querida. Se você colaborar, tenho certeza de que ficará satisfeita. Posso encontrar alguma comida para você. Os servos não comem tudo que se prepara, e sempre há sobras na cozinha. Se você entrar por um momento...

— Tire suas mãos inglesas de cima de mim! — Aquela era realmente a sua voz? Furiosa, Siobhán lutou para se libertar. — Não serei sua prostituta, milorde. Não me venderia por tão pouco, nem que me promettesse um banquete no céu.

— Ora, sua cadela irlandesa! — Os dedos dele apertaram-se em seus ombros e a boca sequiosa procurou a dela.

A carga maciça de ódio fez o coração de Siobhán disparar, enquanto ela tentava freneticamente se livrar da prisão daqueles dedos. Estremecendo de repulsa, ela gemeu baixinho quando a língua úmida penetrou sua boca.

Então, tão subitamente quanto avançaram, as mãos de lord Percival Glenleigh se afrouxaram e ele emitiu um som áspero. Com os olhos arregalados, agarrou descontroladamente o próprio peito e abriu a boca, mas apenas um murmúrio estrangulado escapou dos lábios arroxeados.

Siobhán assistiu, impassível, enquanto o homem alto e corpulento caía de joelhos no exuberante tapete Aubusson, olhando em silêncio para a mão estendida em súplica.

— Por favor, água — ele sibilou. — Ali, na mesa... rápido, maldita!

Impassível, Siobhán olhou de Glenleigh para o brilhante arranjo de copos de cristal Waterford sobre a elegante mesa de cerejeira, o que o dinheiro podia comprar de melhor... Dinheiro que poderia ter comprado comida para alimentar seu povo faminto.

Seria fácil, pensou ela. Tão fácil encher um deles e entregar a ele... Uma torrente de memórias a inundou: sua mãe e suas irmãs procurando por alimentos como mendigas, dois corpos amados balançando na Árvore dos Enforcados, sua irmã, ainda bebê, morrendo em seus braços...

O que Glenleigh tinha feito por ela?

O dono da casa Ballycashel caiu prostrado no chão, e um grito saiu de seus lábios, carregado de raiva e angústia, num gemido fúnebre vindo do fundo daquela alma atormentada.

Siobhán girou nos calcanhares nus e correu para o escuro da noite.

Capítulo I

Inverno

— Ballycashel foi vendido! — Paddy Devlin, um dos poucos homens jovens da aldeia, trouxe a notícia.

Esperança e temor se confundiam em cada uma das expressões do pequeno grupo reunido na cozinha de Siobhán. Ela congelou no ato de cuidar do fogo e se virou com o coração disparado no peito.

— Como você sabe, jovem Paddy? — exigiu Eileen O'Farrell, amiga de sua querida mãe. — Quem teria lhe contado tais mentiras?

— Não é mentira! — Paddy respondeu com toda a indignação de seus dezessete anos. — Pois não fui eu quem viu os advogados na casa, e não foi o próprio padre Conor quem me contou?

— Então, deve ser verdade — disse Liam Brady de sua cadeira habitual perto do fogo, ao lado de vovó Meg. O ancião olhou fixamente ao redor, perscrutando os rostos familiares, muitos dos quais ele tinha visto crescer até a idade adulta, viver, amar e perder a família, os filhos, os pais, os maridos e as esposas ao longo dos últimos anos. — Graças a Deus, essa pode ser nossa salvação.

— Ou nossa ruína — acrescentou Mary Daly que, apesar da expressão amarga e do pessimismo, era incapaz de fazer mal a alguém. — Quem é o tal homem que Paddy viu? Pode ser um dos proprietários ausentes, ou, que Deus proíba todo o mal, outro lorde Percival Glenleigh.

Mary cuspiu ao pronunciar o nome odiado, e um silêncio caiu sobre o pequeno grupo de valorosos sobreviventes da dominação de Glenleigh sobre a aldeia. Olhares inquietos voaram de um para outro. Siobhán, que ouvia sem emitir qualquer comentário, manteve-se perto do fogo, tentando ignorar o arrepio que corria por sua espinha à simples menção do falecido lorde.

Nos últimos três meses, a vergonha a mantivera em silêncio. Não confidenciara o torturante segredo sobre a morte do senhorio nem mesmo para sua amada avó Meg.

O fantasma de lorde Glenleigh a perseguia. Nas primeiras horas da madrugada, pouco antes de o galo cantar, o olhar malévolos recaía sobre ela, despertando-a com um sobressalto, fazendo-a ofegar e tremer como uma folha seca num vendaval.

— Por que está tão quieta? Está pensando no novo proprietário?

Siobhán levantou os olhos do fogo para a doce expressão de Nora MacGreevy, sua melhor amiga e confidente. Nora guardava todos os seus segredos e ficara do seu lado durante o casamento, assim como ela tinha feito quando a amiga aceitara o pedido de casamento de Tom Flynn, pouco tempo antes. Ela amava Nora tanto quanto amava suas irmãs. Na verdade, a amiga era como uma tia para Ashleen, sua filha.

— Ou no velho proprietário? — Tom perguntou com uma carranca que distorcia suas belas feições. — Nenhum mestre poderia ser pior que Glenleigh. Ele quase destruiu o vilarejo, deixando-nos na miséria e aumentando o aluguel até que ninguém pudesse pagar. E quanto ao que ele fez com Michael e Sean...

Tom lançou a Siobhán um olhar que transmitia tanto inquietação quanto desculpas.

A dor dilacerou o coração dela ao se lembrar do marido e de seu irmão caçula. Os rostos dos entes queridos flutuaram diante de seus olhos através de uma cortina de lágrimas.

— Tenho de verificar se meu bebê está bem. — Ela se virou abruptamente, apressando-se a sair.

Ajoelhada ao lado da paleta onde Ashleen dormia, Siobhán se esforçou para conter o fluxo de raiva e tristeza que ameaçava tragá-la. Com a mão trêmula, alisou os cabelos vermelho-dourados da filha, idênticos aos seus. Todos diziam que Ashleen se parecia com ela, mas ela própria achava a menina muito parecida com o tio, Sean, num lembrete constante do irmão mais novo que ela tanto adorava.

Ela ouviu um ruído suave atrás de si, mas não se virou nem mesmo quando a mão gentil tocou seu ombro. Sabia que era Meg, sua amada *maimé*, a adorada avó que era seu porto seguro e sua salvação, e que o tinha sido quando a vida fora rasgada em seu peito.

— Você está bem, querida?

A voz que, apesar do peso dos anos, ainda soava com intensidade, exigiu a atenção de Siobhán. Ela virou-se, forçando um sorriso, e recebeu um aceno de aprovação em troca. Meg deu uma palmada em seu ombro e pegou-lhe a mão, conduzindo-a de volta para a cozinha.

— A criança está bem? — Os olhos de Mary transbordavam compaixão, apesar da expressão mordaz.

— Sim. Está dormindo como um anjo, Mary. Obrigada. — Com esforço, Siobhán virou-se para Paddy, a curiosidade momentaneamente substituindo a dor. — Então nos diga, Paddy. O que mais padre Conor disse sobre o novo mestre?

— Bem, disse que é americano, de um lugar chamado Baltimore,

embora eu não saiba onde fica. — Obviamente aliviado por Siobhán não parecer tão aborrecida, o rapazote se animou a prosseguir: — O padre Conor também não sabe, mas diz que o homem deve ser rico, pois comprou a Casa Grande e todas as terras ao redor.

— E por que um americano se interessaria por propriedades na Irlanda? — Tom piscou para Siobhán. — Talvez ele tenha nascido aqui.

— O padre Conor não pensa assim. Seu nome é Burke, e é tudo o que ele sabe sobre o homem.

— Bem, temos de esperar para ver. — Meg deu um bocejo. — É hora de ir para a cama, e o resto de vocês também. E você, Tom Flynn, certifique-se de que a jovem Nora chegue segura em casa.

— Sim, vovó Meg — Tom disse com um sorriso obediente. — Vamos.

— Vão em paz — Meg se despediu.

— Fiquem em paz — todos ecoaram, saindo para a noite.

Siobhán permaneceu na cozinha, olhando para a escuridão enevoada. De súbito, a saudade daqueles que já haviam partido a invadiu, como se fosse trazida pela brisa úmida que soprava através da porta entreaberta. Ela se virou e apanhou o manto.

— Querida, o que está fazendo? — Meg gritou do interior da casa. — Está muito tarde para andar lá fora!

— Eu tenho de ir — Siobhán falou com determinação. — Preciso visitar Michael e Sean. Por favor, vovó, a senhora melhor do que ninguém pode entender. Fique por perto, caso Ashleen acorde.

Meg considerou o pedido da neta com a brandura da compaixão suavizando os traços desgastados. Ternamente, ela levantou a mão e acariciou o rosto de Siobhán.

— Claro, querida. E dê lembranças minhas aos rapazes.

Siobhán assentiu com a cabeça, incapaz de falar. Envolvendo seu sobretudo em torno dos ombros magros, correu para a noite escura.

Maldito clima irlandês!

Rory O'Brien, agora conhecido como David Burke, olhou através da chuva e do nevoeiro, tentando em vão avistar a estrada. Era quase impossível enxergar a própria mão na frente do rosto, e a maldita umidade penetrava na pele, congelando os ossos.

Sacudindo as gotas geladas dos cabelos, ele se perguntou pela centésima vez se todo aquele empreendimento fora um ato insano. Por que, em nome de Deus, decidira voltar? As memórias já não o torturavam o bastante para convencê-lo de nunca mais pisar naquela maldita aldeia? E Kathryn? Como sua filha reagiria ao novo país, tão diferente de tudo o

que ela conhecia?

Finalmente, o imenso casarão surgiu em seu campo de visão. A luz trêmula da vela queimando em uma das janelas trouxe as lembranças, que rastejaram em sua mente como escorpiões.

Que diabos você está fazendo aqui, rapaz? Volte para o casebre imundo em que vive antes que meu açoitado caia sobre você...

Não, Seamus. Não! Por favor, não machuque o rapaz. Ele não teve intenção de sujar a casa com os pés sujos de barro. É apenas um menino brincando nos campos. Por favor, Seamus, não...

A retumbante bofetada ainda era tão real que ele ouviu o som abafado e se encolheu, quase esperando encontrar Seamus Doherty e sua mãe chorando, enquanto lutava para se libertar das garras cruéis do marido.

Rory balançou veementemente a cabeça, deixando sair o fôlego que prendera sem perceber. O passado ficara para trás. Ele não podia trazer os mortos de volta. O destino de Ballycashel estava agora em suas mãos, e cabia a ele decidir se a aldeia poderia prosperar e crescer, ou murchar e morrer.

Enquanto o cavalo se arrastava de cansaço pela longa viagem, os olhos de Rory se estreitaram com raiva. Onde estava a magnífica mansão georgiana de que se lembrava? Aquela construção não passava de ruínas cobertas de hera!

Ele puxou as rédeas e parou a carruagem diante da casa. A porta se abriu, emoldurando a pequena silhueta de uma mulher encurvada pelo peso dos anos. A vela trêmula em suas mãos iluminou as feições familiares. Aquele era o primeiro rosto conhecido que ele via desde que deixara Baltimore... E fora o último, antes de partir para a América, vinte anos antes. Na ocasião, assim como agora, o gentil rosto de sua tia-avó transmitia o mais puro amor. Os olhos de Hannah Gorman se encheram de lágrimas enquanto ela corria para cumprimentá-lo.

— Ah, este é o meu rapaz! — ela exclamou, atirando-se nos braços do sobrinho-bisneto. — Esperei vinte anos para ver esses lindos olhos azuis de novo!

Tenso por um momento, Rory sentiu-se incapaz de retornar a afeição óbvia. Hannah, porém, nem sequer notou a rejeição, mais interessada na menina adormecida no banco da carruagem.

— Então, essa é a pequena? — perguntou baixinho. — Pobre criança! Deve estar esgotada. Você não vai levá-la para dentro? Preparei um quarto ao lado do seu. Tive pouco tempo para arrumar tudo, pois só cheguei a Ballycashel há uma semana.

— Espero que não tenha comentado com ninguém sobre nosso grau

de parentesco.

Hannah se espantou, e Rory se arrependeu do tom hostil. Afinal, ela fora a única que protegera a mãe o melhor que pôde quando eles tinham fugido. Aceitara-os e os escondera até que Seamus os encontrara, levava-os para a América e passara o resto de sua vida miserável aterrorizando-os.

Rory endereçou-lhe um olhar de desculpas ao ver a expressão que o apavorou de uma maneira que seu padrasto jamais fizera. Hannah sorriu e estendeu a mão para acariciar-lhe o rosto com as palmas calejadas pelo trabalho.

— Querido sobrinho, eu não disse nada a ninguém. — A voz dela era gentil e suave. — Não tenho ideia do que está em sua mente. Não sei por que insiste em manter segredo, nem por que está aqui com outro nome. Mas com certeza, você é a imagem de sua mãe, que o Senhor tenha misericórdia dela, e herdou seu espírito delicado e amoroso.

Em vez de tranquilizá-lo, as palavras de Hannah fizeram a faca do remorso se afundar ainda mais nas entranhas de Rory.

— O bom espírito e o cuidado com os outros fizeram minha mãe memorável, Hannah. Você sabe tão bem quanto eu como a vida dela terminou. Mas eu agradeço pelo bom conselho. Vou levar Kathryn para dentro, e depois eu gostaria de dar um passeio.

De onde teria surgido aquela ideia? Ele certamente não tinha desejo algum de andar por Ballycashel na chuva, após a longa e exaustiva viagem de Galway.

Tampouco desejava enfrentar seus fantasmas, pelo menos não agora.

Sem mais palavras, Rory abriu a porta da carruagem e gentilmente ergueu a filha nos braços, tropeçando ao escorregar numa poça de lama. Maldição! Aquele clima miserável aparentemente o afetava mais do que havia percebido.

Ele lançou um rápido olhar para o rosto delicado mergulhado em um sono tranquilo e para os longos cabelos negros caindo sobre seu braço. Grunhindo pelo esforço, seguiu Hannah para dentro da casa e subiu as escadas para o lindo quarto pintado de cor-de-rosa que ela, obviamente, havia decorado com amorosa expectativa.

Hannah se apressou a retirar a colcha de babados, e Rory deitou a filha com a mesma gentileza com que o fizera no dia de seu nascimento. Quando a tia fez menção de puxar as cobertas sobre a criança ainda adormecida, ele se antecipou e a impediu. Consciente de que estava sendo observado, mas incapaz de quebrar o ritual de tantos anos, pôs-se a cantar baixinho para ninar a pequena e beijou de leve as bochechas

rosadas antes de cobri-la até o queixo.

Com um suspiro satisfeito, ele se endireitou e virou-se para Hannah.

— Vou cuidar do cavalo. Trarei minhas malas quando voltar.

Sem dizer mais nada, ele se virou abruptamente e desceu a escada com passos rígidos até a carruagem. Depois de levar o cavalo para o estábulo e providenciar água e feno, Rory deixou o barracão e apanhou as malas. Finalmente, trajando o sobretudo preto, ele fugiu da propriedade e de todas as suas memórias.

Siobhán fez o sinal da cruz e se levantou da sepultura coberta de flores, com o olhar fixo na inscrição sobre a lápide simples: “Michael Patrick Desmond, Amado Marido e Pai”.

— Eu o amava tanto... — ela sussurrou, e as lágrimas se misturaram com os pingos de chuva em seu rosto. — Mas não foi o suficiente, não é? Você sempre precisou de algo mais. Mesmo quando Ashleen chegou, havia sempre algo que lhe faltava. Sinto muito por não podermos ter sido suficientes. Talvez se tivéssemos...

Incapaz de continuar, ela se moveu para outro túmulo, e uma angústia opressora a invadiu.

— Oh, Sean... meu amor, por que você teve de fazer isso? Por que teve de segui-los? Foram as palavras de encorajamento de Michael? Foram os homens da aldeia vizinha? Você não merecia o que aconteceu. Era apenas um garoto inocente atrás de diversão. Oh, Sean, como você pôde?!

Sua voz subiu para um lamento agudo quando ela caiu de joelhos diante do túmulo do irmão, sem se importar com a umidade que penetrava no tecido do vestido desgastado. As memórias a chicotearam como uma lufada de vento cruel.

Temos de correr. Glenleigh descobriu. Eu voltarei para você e para nossa filha, meu amor; eu prometo.

A voz de Michael ecoou em seus ouvidos como se fossem trazidas pelo vento.

Sinto muito, Siobhán. Eu sei que prometi para Da que cuidaria de você. Eu o decepcionei. Decepcionei a todos. Mas Michael conhece um lugar seguro.

— Oh, Sean... — murmurou, recordando-se da expressão assustada do irmão.

Não diga nada a ela, rapaz. Será mais seguro se ela não souber de nada. Não diga nada, meu amor, nem mesmo que estivemos aqui. Adeus, Siobhán.

Aquelas foram as últimas palavras que ela ouvira do marido.

Não havia lugar seguro nos domínios de Glenleigh. Quando Michael e Sean saíram do chalé, depois de se despedirem, os homens do senhorio os esperavam. Eles foram levados para longe dela e de Ashleen para sempre.

Cega pelas lágrimas, Siobhán virou-se para ir embora, e quase colidiu com uma muralha de músculos que parecia ter se materializado do nada.

— A senhora está bem?

Assustada com a voz desconhecida no ambiente demasiado familiar, ela olhou para cima e fitou o demônio.